

DIDÁTICA: QUE DISCIPLINA É ESSA?

Luciana Bessa Silva

Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

(bessaluciana@hotmail.com)

RESUMO

Para alguns professores, sobretudo no Ensino Superior, o mais importante é domínio do conteúdo. Isso ocorre, em alguns casos, com aqueles profissionais que são bacharéis, fazem uma especialização e ministram aulas em instituições particulares. Ser educador vai além da mensuração de métodos e técnicas, “dar aula”, “dominar conteúdo” e “ter vocação natural”. A Didática está no cerne da formação profissional dos docentes. Ela fornece os pressupostos teóricos e metodológicos para tornar o processo ensino-aprendizagem mais instigante, autônomo e interessante. Nesse sentido, estudar Didática não diz respeito acumular informações acerca dos métodos e práticas de ensino. Defendemos uma Didática crítica e vivencial no cotidiano do educador, porque acreditamos na formação docente baseada na curiosidade epistemológica, senso crítico, afetividade, sensibilidade, escuta. Ser educador pressupõe estar em constante estado de aprendizagem. Por isso é imprescindível debater sobre as inúmeras questões que permeiam a prática educacional: o planejamento, a avaliação, os métodos de ensino, a relação professor-aluno. Nesse sentido, propomo-nos a refletir sobre as dúvidas em relação à Didática de uma turma de Pós-graduação. Objetivamos, assim, a relatar a importância da Didática no Ensino Superior, como um instrumento que orienta os futuros professores a tornar sua prática mais instigante e reflexiva. A metodologia dessa pesquisa é de natureza qualitativa-descritiva desenvolvida com alunos do Curso de Política Social, Serviço Social e Seguridade Social de uma faculdade da região do Cariri, através da aplicação de um levantamento. A Didática é a chave para reflexão sobre um eficiente e instigante processo ensino-aprendizagem. Ela contribui para evitar uma ‘educação bancária’. Portanto quem forma precisa estar em um constante processo de formação. Busquemos, assim, uma Didática que valorize e transforme aluno-professor e o processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Didática. Ensino Superior. Processo Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A partir do momento que o homem começou a interferir, de forma deliberada e sistematizada no processo de ensino nasceu a Didática. Em tempos remotos, ela foi definida como a arte ou a técnica de ensinar.

Para melhor compreendê-la, poderíamos percorrer dois caminhos: o primeiro, seria elencar, ao longo dos séculos, as diferentes definições do vocábulo Didático ao

longo dos séculos elaborada pelos teóricos. Nesse caso, estaríamos entrando em contato com a tentativa de cada estudioso, acerca do assunto, de “enunciar os tributos essenciais e específicos de uma coisa, de modo que a torne inconfundível com outra” (FERREIRA, 1999, p. 614).

O segundo caminho seria compreender a Didática no contexto do tripé Ensino-Pesquisa-Extensão. É por esse caminho que seguiremos. A Didática está para o Ensino assim como o Ensino está para a Didática. É preciso esclarecer, todavia, que a formação do professor não pode ficar engessada pelo acúmulo de métodos e técnicas dos quais a Didática se apropria. Aqui, ela deverá ser entendida como um instrumento crítico, reflexivo e emancipatório utilizado pelo educador para tornar o processo ensino-aprendizagem mais instigante, eficiente e autônomo.

Nem todos os professores do Ensino Superior estudaram e/ou discutem sobre a “arte de ensinar”. Muitos defendem que o conhecimento sobre um determinado conteúdo é suficiente para “dominar” uma sala de aula. Defendemos a tese de que o saber de uma certa área, por si só, não é capaz de contribuir para tornar o aluno um ser mais crítico e atuante. Além disso, acreditamos que para “gestão” de uma sala de aula, via de regra com mais de 50 alunos, é preciso: empatia entre professor-aluno, saber escutar o outro, ter abertura a sugestões, flexibilidade, planejamento, formas diversificadas de avaliação etc. Compartilhar conhecimento está muito além do que “vomitar conteúdo”.

Nesse sentido, nos questionamos: o que entendemos por Didática dentro de um sistema educacional elitista e excludente? Qual o seu papel na formação do professor? Como tais profissionais, provenientes do curso de bacharelado, lidam com as questões pedagógicas no contexto da sala de aula? Essas perguntas nos mobilizam a discutir sobre as dúvidas em relação à Didática de uma turma de Pós-graduação. Objetivamos, assim, a relatar a importância da Didática no Ensino Superior, como um instrumento que orienta os futuros professores a tornar sua prática mais instigante, além de refletir sobre as principais dúvidas que ela venha a suscitar por parte de alunos do Curso de Política Social, Serviço Social e Seguridade Social de uma faculdade da região do Cariri. A metodologia dessa pesquisa é de natureza qualitativa-descritiva através da aplicação de um levantamento.

Em suma, a Didática proporciona tanto ao professor e ao aluno um leque de amplas e ricas experiências no que diz respeito a construção de um processo ensino-aprendizagem envolvente e instigante.

EDUCAÇÃO: A QUE TEMOS É A QUE QUEREMOS?

Vivemos em uma sociedade desafiadora, complexa e contemporânea. Contudo, a Educação permanece presa a um ‘sistema bancário’, além de não ter superado uma abordagem conservadora, decorrente do paradigma newtoniano-cartesiano que visa à reprodução do conhecimento (BEHRENS, 1999).

O pensamento newtoniano-cartesiano propunha a “fragmentação do todo e por consequência as escolas repartiam o conhecimento em áreas, as áreas em cursos, os cursos em disciplinas, as disciplinas em especificidades” (BEHRENS, 1999, p. 384). O resultado não poderia ser diferente: cada professor, no interior da sala de aula, passou a trabalhar completamente isolado. A fragmentação da ação docente contribuiu ainda, para uma prática pedagógica assentada no “escute, leia, decore e repita” (BEHRENS, 1999, p. 384). Interessante é, que na já na década de 80, Ivani Fazenda enfatiza a importância da interdisciplinaridade. É preciso destacar também o trabalho desenvolvido pelo educador Paulo Freire em seu livro “Pedagogia da Autonomia” que defendia a formação docente ao lado da reflexão sobre a prática educativo-progressiva em favor da autonomia do educando.

Em pleno século XXI, no apogeu da Ciência e das novas tecnologias, a maioria dos professores ministram suas aulas explicando o conteúdo na lousa. Enquanto isso, os alunos no mais completo silêncio ‘absorvem’ as informações. Além disso, há ainda o autoritarismo por parte de alguns professores. O bom professor, para alguns, é aquele que é exigente e severo. “O silêncio e a disciplina são essenciais para desencadear o ensino reprodutivo e conservador” (BEHRENS, 1999, p.384). O processo avaliativo tem seu foco na memorização do conteúdo.

Quando se fala em Educação é preciso pensar em interdisciplinaridade, pedagogias de projetos, temas geradores, pesquisa em sala de aula, construção do conhecimento, conteúdos significativos, situações problemas, habilidades e competências. (HENGEMULLE, 2011).

Essas temáticas infelizmente têm sido pouco praticadas no contexto escolar e/ou universitário. Surge-nos, então, um questionamento: por que temos avançado tão pouco na Educação? Por que tanta resistência em transformar nossas práticas em sala de aula? Por que em pleno século XXI há tantas dificuldades de leitura e escrita entre os alunos do ensino fundamental ao ensino superior? Por que temos um currículo engessado?

Interessante notar é que dentro da própria História já há orientações para que os educadores possam (re)significar sua visão e suas ações. Em Comênio (1592-1690), por exemplo, em sua “Didática Magna” defendia-se que o professor deveria mostrar a utilidade e a aplicação do conhecimento adquirido, bem como fazer referência à natureza e a origem dos fenômenos estudados. Historicamente há pouco planejamento na Educação brasileira. Quando ele existe, ou é mal feito, ou feito para cumprir tarefas e/ou para divulgar dados para a imprensa.

O Conhecimento e a Ciência assim como as práticas pedagógicas não são estanques. Tudo se modifica. Ao que nos parece cada professor continua “com seu livro didático, ou apostila, preocupando-se em passar todo o programa para os alunos” (HENGEMULLE, 2011, p. 28). Há, ainda, muitos que acreditam que, apenas, instrumentalizar o professor com procedimentos técnicos modificará suas práticas.

Diante dessa realidade, não é de estranhar o (des)compasso entre alunos e professores. Ambos alienados no contexto do processo escolar. Este porque não se reconhecendo como o autor desse processo sente-se desmotivado e burocratiza a aula. O aluno porque, ao receber tudo pronto, não entende qual a sua contribuição na/para sala e escola. Não nos esqueçamos de que o homem é um ser, eminentemente, inteligente e que tem “vontade de buscar um sentido para o ser e estar no mundo” (HENGEMULLE, 2011, p. 37). Quando ele não vê sentido naquilo que faz, sente-se completamente (des)motivado. Ou seja, produzimos o engessamento do processo ensino-aprendizagem, sobretudo no que diz respeito à leitura e a escrita.

A leitura é um processo inerente ao homem. Ela contribui para o desenvolvimento do raciocínio lógico, estimula a imaginação, enriquece o vocabulário e auxilia no aprimoramento da escrita.

Não se pode, portanto, ser a sala de aula um lugar para memorização de informações descontextualizadas. Pelo contrário: deve ser um lugar por excelência em que o aluno tenha prazer em aprender. É inaceitável permanecer um modelo educacional ultrapassado em que um professor transmite informações aos alunos, passa uma prova, na sua maioria de questões objetivas, e espera que ela devolva o que aprendeu. Não há espaço, aqui, para analisar, argumentar, refletir e questionar. É preciso desburocratizar o processo ensino-aprendizagem, é preciso mudar o currículo em todos os níveis de aprendizagem.

A Didática, “arte milenar do ensino”, estudada por diferentes áreas e teóricos busca refletir sobre o próprio processo ensino-aprendizagem. Ela é uma importante

ferramenta de transformação educacional. É preciso que os educadores debatam e aprofundem seus conhecimentos sobre ela para que possam modificar esse ensino do qual estamos acostumados: tradicional e excludente. É preciso que se diga que a

[...] didática é, acima de tudo, a construção de conhecimentos que possibilitem a mediação entre o que é preciso ensinar e o que é necessário aprender; entre o saber estruturado nas disciplinas e o saber ensinável mediante as circunstâncias e os momentos; entre as atuais formas de relação com o saber e as novas formas possíveis de reconstruí-las. (PIMENTA *ET AL*, 2013, p. 150)

A Didática, assim, permite ao educador entender melhor seu próprio papel, o do aluno, além de refletir para quem se aprende, o que se deve aprender, como se deve aprender e com quem se aprende.

A Educação deve existir para responder às necessidades humanas, para contribuir para formar seres capazes, competentes, eficazes, mas, sobretudo críticos, engajados, éticos, morais, atuantes na/para a sociedade da qual estão inseridos.

Em suma, a Educação que temos não é a mesma que queremos. Precisamos de uma Educação inclusiva, participativa, prazerosa e ética.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa-descritiva. A pesquisa qualitativa não faz uso da matemática e da estatística. Caracteriza-se pela subjetividade. A pesquisa qualitativa não se preocupa com dados numéricos, matemática ou estatística, pois está centrada na compreensão e explicação das relações sociais. Esse tipo de pesquisa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes o que gera uma maior interação entre o pesquisador e o pesquisado (MINAYO, 2010). Descritiva é aquela cujo fim é descrever o objeto estudo, um fenômeno ou uma experiência. (MARCONI; LAKATOS, 2005). Nosso estudo foi desenvolvido na Faculdade Vale do Salgado, localizada no município de Icó, região do Cariri. Os sujeitos de nossa pesquisa foram alunos da disciplina de Didática do Ensino Superior, realizada nos dias 15 e 16 de julho de 2017, de uma turma de Pós-graduação de Política Social, Serviço Social e Seguridade Social. A mesma era composta de trinta e dois (32) alunos. Os critérios de inclusão: ser aluno da referida disciplina e ter disponibilidade para participar da pesquisa. Seus nomes serão mantidos em sigilo preservando os preceitos éticos e legais da pesquisa.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

No curso de Pós-graduação de Política Social, Serviço Social e Seguridade Social há uma disciplina de Didática do Ensino Superior. A turma de trinta alunos (30) é formada essencialmente por assistentes sociais e alguns (poucos) contadores e administradores. Antes de iniciar qualquer debate, resolvemos realizar um levantamento para saber quais eram suas dúvidas acerca dessa disciplina. Alguns questionamentos como “Qual a relação da Didática com o Serviço Social?” foram os que mais se repetiram. Pensar essa temática nos faz refletir sobre o caminho que muitos assistentes sociais percorrem para chegar à docência, uma vez que se trata de uma atividade profissional relevante à sociedade e para exercê-la não basta conhecimento específico numa determinada área do conhecimento. É fundamental a construção de uma identidade profissional docente. Afinal como diz Freire

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática. (FREIRE, 1991, p. 32).

Essa identidade a que Freire faz referência é uma construção que se constrói durante a trajetória profissional do sujeito, uma vez que os saberes docentes não se limitam a transmissão de conhecimento, como declara Tardif (2012).

O Assistente Social que quer se tornar um docente - essa atuação se constitui como atribuição privativa¹ desses profissionais - não pode esquecer que o saber docente é plural e múltiplo “oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais” (TARDIF, 2012, p. 36). É preciso salientar que a experiência do Assistente Social dentro dos equipamentos (Centro de Referência de Assistência Social, Centro de Referência Especializado de Assistência Social) é primordial para alimentar a relação teoria-prática e aproximar a formação do exercício profissional. Em contrapartida, a experiência como professor possibilita desenvolver competências didático-pedagógicas importantes para o processo ensino-aprendizagem, pois o mesmo envolve conhecimento sobre a relação professor-aluno, avaliação, currículo e planejamento. Lembrar que tais conhecimentos são justamente os elementos da Didática.

1. No artigo 5º da lei regulamentar a profissão 8662 de 1993 encontram-se as atribuições privativas dos Assistentes Sociais

Assistente Social Professor é um ser eminentemente político, assim como ensinar, planejar e avaliar. Nesse sentido, Masetto declara que

(...) o professor, ao entrar na sala de aula para ensinar uma disciplina, não deixa de ser um cidadão (...) ele tem uma visão de homem, de mundo, de sociedade, de cultura, de educação que dirige suas opções e suas ações mais ou menos conscientemente. Ele é um cidadão, um “político”, alguém compromissado com seu tempo, sua civilização e sua comunidade e isso não se despreza de sua pele no instante em que entra em sala de aula. (MASETTO, 2012, p. 39)

Assim sendo, o Assistente Social na condição de professor busca intervir pedagogicamente para formar futuros assistentes sociais, tendo como princípios formar cidadãos críticos, reflexivos, competente técnica e politicamente.

A Didática não pode apenas ser descrita como um importante instrumento pedagógico; ela precisa ser vivenciada pelos educadores e pelos aspirantes à docência. Sua ausência compromete o processo ensino-aprendizagem.

Em seguida, foi-nos perguntado por que a Didática não fez parte da matriz curricular do Serviço Social?

O Assistente Social trabalha com as mais diversas expressões da questão social – violência contra a mulher, exploração sexual infantil, adolescentes grávidas, famílias em risco social. Por isso, o conteúdo estudado está voltado para a compreensão da realidade social no qual estamos inseridos para possibilitá-lo a intervir na realidade de indivíduos em situação de vulnerabilidade social. As disciplinas podem variar de uma universidade para a outra, no nome, nos conteúdos abordados, na ordem em que elas são ministradas, mas em suma elas têm como objetivo preparar o profissional para lidar com a realidade social. Desse modo, têm disciplinas como Sociologia, Antropologia, Filosofia, Ciência Política, Movimentos Sociais, Economia Política etc. “A Didática é a parte da Pedagogia que utiliza estratégias de ensino destinadas a colocar em prática as diretrizes da teoria pedagógica, do ensino e da aprendizagem” (TAVARES, 2011, p. 14). Ou seja, ela trata da teoria geral do ensino e é ofertada nos cursos de Letras, Pedagogia, História, Geografia, ou seja, cursos de licenciatura.

O curso de Bacharelado em Serviço Social, conforme a Resolução do CEPE² em seu artigo 4º, declara que

(...) como princípios educativos básicos a abordagem dos conteúdos teóricos a partir das exigências do cotidiano profissional e o domínio de métodos de investigação e intervenção que possibilitem a construção do conhecimento na área de Serviço Social. (2005, p. 2)

Em outras palavras, esse profissional não é preparado para ser docente. Por isso, a disciplina de Didática não faz parte de sua matriz curricular.

Outra pergunta que nos chamou atenção: “Como se aprende Didática?” O trabalho do professor, humano, técnico ou profissional, está fundamentado na Didática – disciplina instrumental, pedagógica e sócio-política que tem como objetivo refletir sobre o ensino e suas dimensões. Aprende-se Didática lendo teóricos como Saviani, Tavares, Piletti, Candau, Libâneo etc, participando de congressos, escutando e conversando com outros colegas docentes, sobretudo, estando aberto ao novo, ao diferente.

Sobretudo, aprende-se Didática na prática da sala de aula, refletindo sobre o processo de ensino-aprendizagem. Aprender Didática é fazer um exercício de reflexão sobre as práticas e metodologias de ensino, o planejamento e o processo avaliativo. Para Libâneo

A didática, assim, oferece uma contribuição indispensável à formação dos professores, sintetizando no seu conteúdo a contribuição de conhecimentos de outras disciplinas que convergem para o esclarecimento dos fatores condicionantes do processo de instrução e ensino, intimamente vinculado com a educação e, ao mesmo tempo, provendo os conhecimentos específicos necessários para o exercício das tarefas docentes. (LIBANEO, 1994, p.74).

A aprendizagem Didática é um processo paulatino que exige estudo, diálogo e reflexão.

Nos foi questionado se “a Didática garante que os alunos prestem atenção às aulas?” Na verdade, a Didática contribui para uma melhor organização do conteúdo a ser estudado, da aula em si, do planejamento feito pelo professor e pela maneira como o aluno deve ser avaliado. “O que aprendemos depende da condição da aprendizagem”. (GADOTTI, 2007, p. 12). Vale salientar que prestar atenção não significa que o aluno tenha que ficar calado. O ambiente acadêmico é o lugar ideal para perguntar, questionar, discutir, debater. Dito de outro modo, a faculdade/universidade não é simplesmente um espaço físico onde o aluno assiste aula e vai para sua casa. É local de socialização, de confronto com o outro, de discussões, de amadurecimento. Não esquecer que o aluno é um agente ativo no processo ensino-aprendizagem, ou seja, para aprender é necessário que ele esteja motivado. Sabemos que há dois tipos de motivação: externa e interna. Essa última depende do estudante. Ele precisa estar aberto a aprender.

“Por que alguns profissionais têm resistência à Didática?” foi outro ponto importante que gerou um amplo debate. “Resistência implica em negação, insubmissão, reelaboração, reinvenção, rejeição, podendo ser decorrente de comportamentos conscientes ou inconscientes” (ANDRÉ, 1988, p. 36). Entender esse conceito supõe entender concepções ideológicas, hegemônicas e culturais como práticas dialéticas. Culturalmente alguns professores defendem a teoria de que a aula é “transmissão de conteúdo”.

Conforme Freire “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (1996, p.23). Em outras palavras, o ensino não se constitui como um processo de mão única. “Nesse sentido, ensinar não é transmitir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. (FREIRE, 1996 p.23). Isto é, docência e discência caminham juntas, ambas se explicam e se complementam, tal como seus sujeitos, pois ensinar-aprender é um processo de mão dupla.

Para Bagno (2003), ensinar é aprender criar possibilidades para o educando chegar sozinho ao conhecimento. O autor acrescenta ainda que ensinar-aprender não significa apenas que o professor mostre o caminho ao aluno, é preciso orientá-lo para que o aluno seja capaz de desenvolver um olhar crítico e reconhecer em meio ao labirinto a trilhas que o conduzirão a verdadeiras fontes de informação. Freire (1996) em consonância com Bagno (2003) afirma que o mérito de um educador consiste em não apenas ensinar os conteúdos, mas também a pensar certo. Para Freire “só, na verdade, quem pensa certo, mesmo que, às vezes, pense errado, é quem pode ensinar certo” (1996, p.27).

O educador comprometido com a Educação preocupa-se com seu processo de formação. “O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe” (FREIRE, 1996, 92).

Outra pergunta pertinente com o contexto social no qual estamos inseridos foi: “Qual a relação da Didática com as novas tecnologias?”. Tanto as redes sociais como as novas tecnologias mudaram nossas vidas. A praticidade dos recursos audiovisuais têm contribuído para deixar o contexto da sala de aula menos tradicional e menos cansativo. Pelo contrário: estudar torna-se mais empolgante, agradável e prazeroso. Cabe ao docente verificar a necessidade da turma, ter critérios definidos para usá-los. Caso

contrário será apenas mais um modo para distrair o estudante. As novas tecnologias propiciam uma aprendizagem mais criativa, dinâmica e interativa.

Em suma, a Didática é uma disciplina interdisciplinar que auxilia todas as outras para tornar o processo ensino-aprendizagem mais eficiente. O professor que se alia a Didática forma indivíduos mais críticos e participativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser educador não é uma tarefa fácil. Além da vocação, exige conhecimento científico e conhecimento didático. Infelizmente, para alguns profissionais “dominar” a matéria a ser ministrada é condição suficiente para a aprendizagem do aluno.

Educar pressupõe dentre outros fatores: humanização, ética, autonomia, flexibilidade e criticidade. É preciso uma reflexão permanente do que será compartilhado com o estudante (o que ensinar?), para quê (objetivos), por que (justificativa), como (metodologia) e como tudo isso será mensurado (avaliação).

A Didática é a ferramenta que torna o processo ensino-aprendizagem mais instigante, participativo e humano. Em uma turma de pós-graduação do Curso de Política Social, Serviço Social e Seguridade Social ministramos a disciplina de Didática do Ensino Superior. Sabemos, pelo fato de lecionarmos nesse curso e pela leitura de seu PPC (Plano Político Pedagógico), que na matriz curricular não há essa disciplina. Dessa forma, solicitamos que os alunos fizessem questionamentos de suas principais dúvidas sobre o assunto. Dentre outras perguntas, desejam saber: a) o que Didática?; b) Qual a sua relação com o serviço Social?; c) Por que ela não faz parte do currículo do Assistente Social; d) Como se aprende Didática?; e) A Didática garante que os alunos prestem atenção as aulas? f) Por que alguns profissionais têm resistência a ela?; g) Como a Didática lida com as novas tecnologias?

Pelo questionamentos e pelos comentários da turma após esses esclarecimentos, observamos que os estudantes não tinham conhecimento dessa arte que contribui para tornar o processo ensino-aprendizagem mais organizado, participativo, instigante e agradável. Ser um bom educador pressupõe muito mais do que saber conteúdos vários. Ser educador pressupõe flexibilidade, criticidade, escutar o outro, humildade e muito estudo.

REFERÊNCIAS

ANDRE, Maria Eliza Dalmazo Afonso de. **O repensar da Didática a partir do estudo da dominação e resistência do cotidiano escolar**. R. Fac. Edu. São Paulo 14 (1): 35-41, jan-jun. 1998.

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que é, como se faz**. 14 ed. São Paulo: Loyola, 1998.

BEHRENS, Marilda Aparecida. A prática pedagógica e o desafio do paradigma emergente. **Revista brasileira Est. Pedag.** Brasília, v. 80, n.196, p. 383-403, set/dez,

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Primavera, 1991.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar** – São Paulo : Publisher Brasil, 2007.

HENGEUHLER, Adelar. **Gestão de ensino e práticas pedagógicas**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LAKATOS, Eva Maria ; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6 edição. São Paulo: Atlas, 2005

LIBÂNEO, José Carlos. A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a Teoria Histórico-cultural da Atividade e a contribuição de Vasili Davydov. *Revista Brasileira de Educação*. Set /Out /Nov /Dez 2004 nº 27.

_____. **Didática**. São Paulo, Cortez, 1994.

MINAYO, Cecília (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis, RJ ed. Vozes, 2010.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário**. 2ª edição. São Paulo : Summus, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 13ª ed Petrópolis, RJ : Vozes, 2012.

TAVARES, Rosilene Horta. **Didática geral** – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2011.